

ANÁLISE SETORIAL

Indústria de transformação: mais um ano de taxas negativas*

*Flávio Benevett Filgensen***

Ao encerrar-se o ano de 1992, os índices disponíveis da produção física do IBGE — até o mês de setembro — revelam nitidamente o movimento apontado nos números anteriores desta publicação. Isto é, a produção da indústria de transformação mostrou-se crescente no início do ano, mas não teve fôlego para levar tal crescimento para além do segundo trimestre, conforme fica demonstrado pelo exame da Tabela 1. Nem mesmo os efeitos positivos da boa safra agrícola, do aumento das exportações e do acordo para rebaixamento de preços da indústria automobilística foram suficientes para impedir que 1992 se caracterizasse como mais um ano de crescimento negativo.¹

Na realidade, apenas os gêneros que têm sua atividade ligada aos fatores listados conseguiram sustentar taxas positivas de crescimento da produção por mais tempo. Dentre eles, apareceram material de transporte, diretamente beneficiado pelo acordo da indústria automobilística, e metalúrgica, ligado ao anterior como fornecedor. Essa cadeia produtiva ainda encontrou estímulo no incremento das vendas ao mercado externo, fator que foi igualmente importante para explicar o crescimento da produção de papel e papelão, química e borracha (basicamente pneus), sendo este último um dos três únicos gêneros que mantiveram taxas positivas até setembro. Por sua vez, a safra agrícola gerou impulsos significativos para os gêneros química e fumo, sendo este o que apresentou a taxa mais elevada. Observe-se que vários desses gêneros são ligados à categoria bens intermediários, a única que conseguiu manter, até meados do ano, uma produção maior que a de 1991.²

Por outro lado, vários gêneros apenas esboçaram uma suave reação no início do ano, que não se sustentou, e dois outros — material elétrico e de comunicações e bebidas — sequer apresentaram um mês em que a produção acumulada em 1992 fosse maior que a de 1991. Deve-se observar que os gêneros de fraco desempenho estão relacionados principalmente às categorias de uso bens de capital e bens de consumo,

* Este texto foi elaborado com informações disponíveis até 14.12.92 e contou com a colaboração do estagiário da FEE André Passos Cordeiro. O autor agradece as sugestões das colegas Sílvia Horst Campos e Clarisse Chiappini Castilhos a uma versão preliminar do texto.

** Economista da FEE e Professor da UFRGS.

¹ Observe-se que, desde 1986, último ano de expansão industrial elevada — efeito do Plano Cruzado —, até 1991, a taxa acumulada de crescimento da produção industrial brasileira é de -9,6%. É desnecessário dizer o quanto isso é dramático para um país pobre, com crescimento populacional ainda expressivo.

² Conforme já foi comentado nos números anteriores desta publicação — ainda em 1992 —, essa categoria tem demonstrado um comportamento distinto do das demais.

expressando, nesses casos, os efeitos da prolongada recessão, que inibiu os investimentos das empresas e impôs um arrocho salarial sem precedentes à população brasileira. A perda de poder de compra dos assalariados reflete-se na produção de bens básicos ou na de bens de consumo não duráveis, cuja maior demanda é feita pelas classes de renda mais baixa, e, também na produção de bens vinculados ao consumo das camadas médias da população, como no caso de eletrodomésticos e eletrônicos domésticos.³

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção industrial, do total da indústria de transformação, das categorias de uso e dos gêneros, acumuladas no período, no Brasil — jan.-set./92

	(*)								
DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET
Indústria de transformação	-1,85	4,77	4,61	0,67	-2,10	-3,21	-4,63	-5,99	-6,23
Categorias de uso									
Bens de capital	-16,46	-8,60	-6,70	-7,52	-9,25	-10,53	-12,02	-13,14	-12,89
Bens intermediários	2,31	6,24	7,50	4,05	1,50	0,53	-0,76	-2,00	-2,02
Bens de consumo	-6,11	3,56	1,84	-3,01	-5,76	-6,64	-8,03	-9,44	-9,34
Bens de consumo duráveis	-9,43	10,31	2,51	-3,26	-6,42	-8,86	-11,09	-13,47	-11,88
Bens de consumo não duráveis	-5,38	2,09	1,69	-2,93	-5,60	-6,11	-7,28	-8,44	-8,70
Gêneros									
Minerais não-metálicos	4,88	10,44	7,57	2,13	-1,55	-4,02	-6,19	-7,69	-8,52
Metalúrgica	7,83	11,55	10,07	5,60	2,81	2,13	0,87	-0,53	-1,07
Mecânica	-1,12	4,02	2,27	-0,97	-3,97	-7,03	-9,46	-10,55	-10,87
Material elétrico e de comunicações	-10,97	-2,15	-5,48	-13,53	-17,62	-19,44	-20,88	-22,26	-22,21
Material de transporte	-14,98	3,47	0,33	4,14	5,46	4,76	2,81	0,52	0,72
Papel e papelão	8,24	11,17	7,96	4,74	2,59	0,86	-0,46	-1,86	-2,19
Borracha	-4,29	14,43	31,76	19,00	13,95	10,86	6,67	4,19	2,88
Química	1,87	6,19	13,21	8,02	2,06	0,48	-0,88	-2,59	-2,22
Farmacêutica	-18,83	-1,83	2,31	-2,50	-4,85	-5,30	-8,03	-10,60	-11,51
Perfumaria, sabões e velas	12,87	17,30	10,59	3,28	1,36	-1,08	-2,91	-3,91	-4,44
Produtos de matérias plásticas	12,87	2,72	-2,34	-7,91	-10,30	-11,27	-12,44	-13,48	-13,30
Têxtil	-5,92	3,70	1,82	-1,86	-4,25	-5,26	-6,09	-7,32	-7,17
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-1,78	-7,63	-11,76	-15,27	-17,59	-17,63	-17,23	-17,81	-17,45
Produtos alimentares	-17,21	-0,06	0,33	-1,91	-3,04	-2,03	-1,97	-2,34	-2,98
Bebidas	-4,40	-1,04	-1,55	-7,81	-8,83	-10,50	-16,62	-18,29	-19,59
Fumo	-2,26	-2,96	2,26	0,78	4,03	7,89	9,43	8,49	6,07

FONTE: IBGE.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1992 em relação ao mesmo período de 1991.

³ É sabido que esses bens têm elasticidade-renda elevada e que sofrem fortemente os efeitos do arrocho salarial.

O acordo da indústria automobilística

Um dos fatos relevantes do ano de 1992 no âmbito das relações industriais foi o acordo para a redução de preços celebrado entre trabalhadores, montadoras e Governos Federal e Estaduais, o que acabou envolvendo a rede de comercialização de veículos e o setor de autopeças. Saudado como uma manifestação de bom funcionamento do sistema de Câmaras Setoriais, dado o sucesso da negociação, em realidade não teve o efeito-demonstração esperado. Isto é, não chegou ao ponto de provocar acordos semelhantes em outros setores, o que, se generalizado, se transformaria num esboço bem adiantado de um acordo nacional contra a inflação e a recessão. Se bem que algumas tentativas e ameaças foram feitas em outros setores, como o químico-farmacêutico e o têxtil-vestuário, mas não sustentaram mais do que pequenas manchetes de páginas internas de jornais por períodos curtos. Assim, se nem mesmo a nível do mecanismo de Câmaras Setoriais o modelo de acordo vingou, muito menos se poderia esperar que ele cumprisse uma função ainda mais nobre. Em realidade, dada a profundidade da crise vivida pelo País, em que transparece a ausência de um projeto nacional de médio e/ou longo prazo, torna-se claro que somente uma negociação ampla na esfera política pode redirecionar o País a partir da falência do Estado e da conseqüente impossibilidade de ele desempenhar sua antiga função de "puxar" a economia nacional. Cabe a trabalhadores e empresariado discutir seriamente que tipo de país querem construir, excluindo a saída enganosa do neoliberalismo. As últimas manifestações de empresários de porte do centro do País já dão conta de que eles admitem o equívoco da opção que fizeram ao apoiar Collor desde a campanha presidencial e, ainda, de como é importante manter relações de parceria saudável — no bom sentido — com o Estado. Os exemplos estrangeiros estão aí para o demonstrar.

O desempenho do setor automobilístico

Ainda que o acordo não tenha tido repercussão em outros setores, é certo que ele cumpriu um papel importante para o desempenho da indústria automobilística brasileira, com efeitos positivos em termos de emprego e nível de atividade.

Com volumes de produção baixos e decrescentes desde o último trimestre de 1991, foi somente a partir de junho que se voltou a atingir o patamar de 100.000 unidades mensais, marca dos bons tempos da indústria automobilística brasileira, quando se encerrava o ano com aproximadamente 1,1 milhão de unidades produzidas. É algo em torno disso que se projeta alcançar em 1992, o que significaria uma expansão de pelo menos 10% em relação ao ano anterior.

Porém é importante observar que esse incremento foi sustentado basicamente por um grande aumento das exportações (84% em número de veículos e 59% em valor, acumulados até outubro), uma vez que o mercado interno, apesar do acordo, apresenta uma redução que deve chegar a 4% no ano, segundo a ANFAVEA (GAZETA MERCANTIL, 7 e 9.11.92, São Paulo, p.3),⁴ principalmente devido ao desempenho do

⁴ Ou seja, não fosse a existência do acordo, a retração do mercado interno seria ainda maior e levaria a taxa de crescimento da produção a valores negativos.

segmento de caminhões e ônibus. Relações semelhantes de desempenho dos mercados interno e externo verificaram-se no setor de autopeças, que tem a previsão de encerrar o ano com crescimento nulo das vendas. Assim, fica claro que as exportações são as grandes responsáveis por não se amargarem resultados negativos no setor, o que, por outro lado, evidencia o grau de competitividade do produto nacional no Exterior. Isso apenas reforça a idéia, já desenvolvida nos números anteriores desta revista, de que, a despeito da ausência de um projeto mais amplo e consistente, alguns setores estão vivendo um início de processo de reestruturação industrial e já obtêm bons resultados com isso. O que se lamenta é que, não havendo um projeto orgânico a nível nacional, as conseqüências negativas, como o desemprego, têm de ser resolvidas num plano individual. Nunca é demais afirmar que, num país pobre, isso representa o lado mais sórdido do ajuste.

Uma breve visão de longo prazo

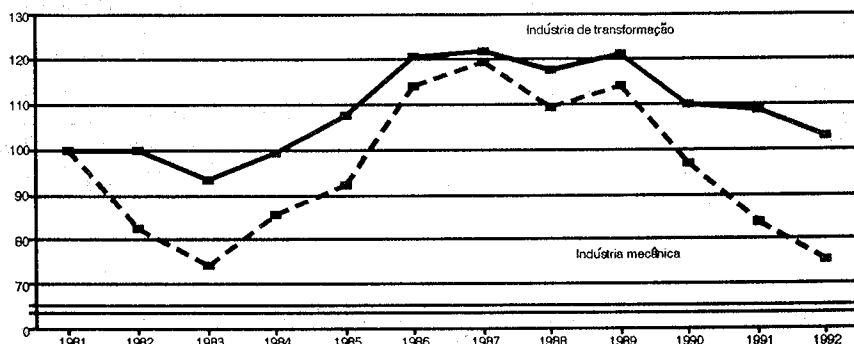
Considerando-se 1992 como mais um período de crescimento negativo da produção industrial brasileira, é importante ter claro como ela tem evoluído, numa visão de mais longo prazo. Assim, é possível detectar, através do exame do Gráfico 1, que esse é o terceiro ano de quedas sucessivas da produção a partir de 1990, quando se implantou a política recessiva de Collor. Chama atenção na análise de um período mais amplo de tempo que, depois da recuperação que se verificou em 1984, o período Collor trouxe a produção absoluta a um nível que é, em 1992, apenas 5% superior ao de 1981. Enquanto isso, a população cresceu mais de 20% entre 1981 e 1992, o que evidencia uma queda importante da produção industrial *per capita*.

Quando se observa a evolução da produção por gêneros ao longo do período 1981-92, os comportamentos são bem diferenciados, de acordo com as características de cada setor. O gênero mecânica, por exemplo, representado no Gráfico 1, apresenta uma curva com movimento semelhante à do total da indústria de transformação, porém com quedas mais acentuadas e recuperações não tão intensas. Isso é expressão de um tipo de produto voltado a atender à demanda de investimentos, que tanto sofre em períodos recessivos. Observe-se que, ao se compararem os anos extremos da série histórica selecionada, se verifica uma produção física, em 1992, 25% menor que a de 1981.

Por outro lado, o Gráfico 2 mostra duas situações extremas de gêneros que se adaptaram de formas diversas à crise que se estabeleceu desde o início dos anos 80. Papel e papelão é um típico representante dos setores que não sentiram tão intensamente os efeitos negativos da crise, pois conseguiram expansões de produção — vinculadas à ampliação do seu mercado externo e a ganhos de produtividade — até o final da década de 80 e tiveram pequenos recuos a partir do início do Governo Collor. Dessa forma, esse é um gênero que chega a 1992 com uma produção 42% maior que a de 1981, um aumento expressivo tanto em relação à média, como quando se têm em mente as características do período estudado. Já o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos apresenta uma situação oposta, pois encerra o período em análise com uma produção 43% menor que a do início. Essa *performance* é resultado direto de um tipo de atividade que tem apenas uma pequena parcela de seu mercado localizada no Exterior, dependendo, portanto, de um mercado interno vinculado a deprimidos salários de base e em que ainda se trabalha com níveis médios de eficiência muito baixos.

GRÁFICO 1

ÍNDICE DA PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E MECÂNICA NO BRASIL — 1981/92

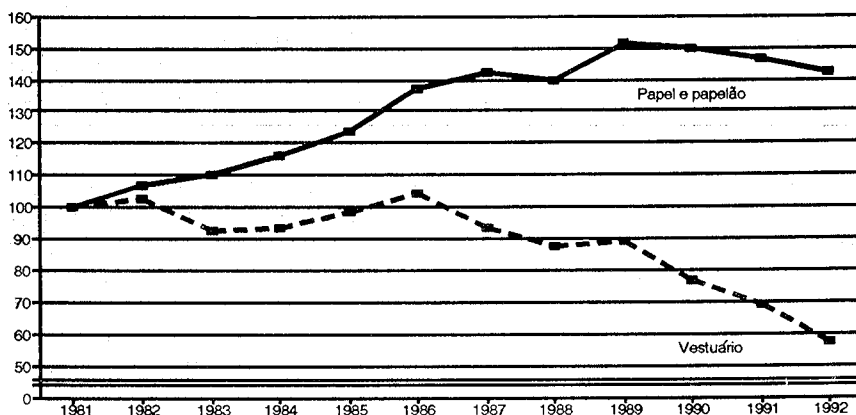


FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

NOTA: De 1981 a 1991, os índices correspondem à média dos índices de base fixa mensal de cada ano; em 1992, o índice corresponde à média de janeiro a setembro dos índices de base fixa mensal dessazonalizados.

GRÁFICO 2

ÍNDICE DA PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL E PAPELÃO E VESTUÁRIO NO BRASIL — 1981/92



FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

NOTA: De 1981 a 1991, os índices correspondem à média dos índices de base fixa mensal de cada ano; em 1992, o índice corresponde à média de janeiro a setembro dos índices de base fixa mensal dessazonalizados.

O desempenho da indústria gaúcha

Os indicadores industriais de 1992 trazem novamente uma situação já conhecida da sociedade gaúcha. Repete-se neste ano uma comparação de taxas de crescimento negativas da produção industrial do Brasil e do Rio Grande do Sul, sendo que o maior mérito do Estado é não ter acompanhado em intensidade a queda a nível nacional. De fato, se, no período acumulado de janeiro a setembro, a indústria de transformação brasileira amargou um crescimento negativo de 6,23%, a indústria gaúcha apresentou uma taxa de -0,54%. Mais uma vez, é preciso dizer que não há motivo para comemoração, pois verificar decréscimo de produção, especialmente quando a comparação é feita com um base fraca — o ano de 1991 —, é um sintoma grave de uma sociedade que empobrece e não tem capacidade de incorporar sua gente no processo de produção e consumo.

Crescimento não sustentado

A tendência verificada nas análises dos trimestres anteriores confirmou-se cada vez mais à medida que avançou a divulgação dos resultados mensais do IBGE. O exame da Tabela 2 permite visualizar com clareza que a indústria de transformação gaúcha apresentou um bom desempenho no primeiro trimestre, com uma taxa de crescimento expressiva em relação ao mesmo período de 1991, mas não conseguiu sustentar esse crescimento, que caiu continuamente a partir de abril, chegando em agosto e setembro a taxas negativas. Até mesmo os efeitos favoráveis da safra agrícola sofreram o mesmo processo e perderam o fôlego ao longo do ano, ressaltando-se o gênero fumo, que apresentou uma *performance* digna de destaque e que se constituiu no pilar mais forte de apoio da taxa de crescimento da produção industrial. Isto é, não fosse o crescimento expressivo da indústria fumageira, a indústria de transformação já teria apresentado resultados negativos desde vários meses atrás.

A análise a nível de gêneros revela, em geral, o mesmo movimento verificado para o total da indústria e realça a importância do setor agrícola, pois os gêneros que apresentaram taxas positivas até o período estudado refletem principalmente o comportamento de segmentos que têm uma ligação com a base primária. São os casos da química, através dos adubos e fertilizantes e da soja; da mecânica, em flagrante descompasso em relação ao total nacional do gênero, pois aqui há a presença forte de máquinas agrícolas; da metalúrgica, enquanto fornecedora de insumos para o setor de máquinas agrícolas; e da já citada indústria fumageira.

Por outro lado, são destaques negativos os gêneros bebidas, material elétrico e de comunicações e material de transporte, o qual chama atenção por não acompanhar o desempenho a nível nacional. É sabido que o segmento gaúcho desse gênero apresenta uma estrutura diferente da do nacional, pois é baseado na produção de autopeças e carroçarias para ônibus e caminhões, mas o hiato de crescimento que se verificou é muito expressivo. Já o setor de material elétrico e de comunicações, no Estado, apresentou um desempenho muito ruim, de acordo com o nacional, sacrificado pelo encolhimento da demanda das camadas de renda média da população.

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção industrial, do total da indústria de transformação e dos gêneros acumuladas no período, no Rio Grande do Sul—jan.-set./92

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET
Indústria de transformação	-0,71	8,77	9,58	5,64	4,68	3,58	0,74	-0,16	-0,51
Minerais não-metálicos	7,82	11,29	11,48	8,78	9,68	6,47	4,84	4,31	3,34
Metalúrgica	14,18	25,22	21,97	11,16	4,35	1,26	-0,79	-3,49	-0,54
Mecânica	33,48	39,88	34,97	31,00	27,23	15,27	8,16	5,17	2,89
Material elétrico e de comunicações	-34,41	-30,76	-21,76	-20,60	-22,05	-21,62	-20,70	-21,25	-15,04
Material de transporte	-31,80	-16,99	-18,09	-25,05	-20,50	-22,02	-22,32	-22,34	-24,42
Papel e papelão	-13,16	-2,33	-1,72	-2,46	-1,93	-1,84	-4,59	-5,06	-3,59
Borracha	-10,16	-1,94	8,68	1,17	0,77	1,07	-3,82	-4,39	-3,98
Química	-17,91	9,62	16,78	19,35	13,88	10,31	12,20	12,00	11,72
Perfumaria, sabões e velas	6,07	26,54	14,68	7,08	4,78	2,30	2,81	1,48	1,86
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-11,23	4,37	1,89	-1,65	-2,84	-2,19	-2,18	-3,29	-2,86
Produtos alimentares	-5,34	-2,30	-2,83	-4,73	-4,62	-2,53	-4,34	-4,27	-3,61
Bebidas	5,42	8,38	8,85	-0,53	3,05	0,19	-21,13	-19,48	-20,13
Fumo	13,95	8,75	18,27	14,56	19,17	26,73	32,77	34,67	34,47

FONTE: IBGE.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1992 em relação ao mesmo período de 1991.

As exportações de industrializados gaúchos

Num ano em que as exportações foram um dos fatores dinamizadores da indústria nacional, é conveniente que se examine a evolução das vendas externas da indústria gaúcha. A Tabela 3, que relaciona as taxas de crescimento das exportações dos principais produtos da pauta do Estado, mostra alguns movimentos que têm conformidade com o que se verificou em termos de variação da produção e outros que apontam aparentes contradições. Dentre estes, deve-se citar o caso dos produtos derivados da soja, que apresentaram diminuição das exportações, apesar dos bons resultados da safra gaúcha. Outro exemplo semelhante é o do grupo composto por produtos petroquímicos, também com resultados negativos nas vendas externas, em contraposição à expansão da produção do gênero química gaúcho.

Chama atenção, ainda, porém com sinais contrários nas taxas de variação, o grupo de bens ligados a material de transporte, pois, apesar de a taxa de crescimento da produção do gênero gaúcho ser fortemente negativa, as exportações apresentam expansão, o que, no caso das carroçarias, pode ser classificado como importante. Pelo menos em relação a esse aspecto, é possível identificar uma semelhança dos gêneros gaúcho e brasileiro, pois, em ambos os casos, as vendas para fora do País tiveram papel destacado.

Em relação a máquinas agrícolas, identifica-se uma expansão das vendas externas, que encontra respaldo na variação semelhante da produção do gênero mecânica. Tal expansão contou com uma situação muito favorável da taxa de câmbio argentina, facilitando as importações daquele país. No caso da celulose, a contração significativa das exportações coaduna-se com a queda da produção do gênero papel e papelão.

É necessário, ainda, fazer um breve comentário sobre os grupos calçados e couro, ambos com retração das exportações, quando medidas em valor. O grupo calçados, que é o mais expressivo da pauta de exportações gaúcha, apresentou uma situação

especial, pois as vendas diminuíram em valor e aumentaram em volume, espelhando a queda dos preços internacionais dos calçados.

Por fim, numa última observação das informações da Tabela 3, nota-se que os principais grupos de produtos exportados pela indústria gaúcha tiveram, em 1992, um ano ruim, com quedas generalizadas de valor e volume. Conclui-se, pois, que a saída usual para o mercado externo em períodos de crise do mercado interno não funcionou como escape para as empresas do Estado.

Tabela 3

Exportações efetivas, por grupos de produtos selecionados da indústria do Rio Grande do Sul, no período acumulado de janeiro a setembro — 1991/92

a) valor FOB

DISCRIMINAÇÃO	1991 (US\$ mil)	1992 (US\$ mil)	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
Calçados	801 036	734 631	-8,290
Outros sapatos, parte superior de couro natural para mulheres e meninas	537 254	461 234	-14,150
Outras sandálias e chinelos	91 101	105 685	16,009
Outros calçados cobrindo o tornozelo para mulheres e meninas	88 724	97 433	9,816
Sapatos com sola exterior de couro natural para mu- lheres e meninas	43 110	41 302	-4,194
Partes superiores de calçados de couro natural ou reconstituído	22 625	12 367	-45,339
Outros sapatos, partes superiores de couro natural para homens e meninos	10 576	10 206	-3,498
Sandálias e chinelos com sola exterior de couro na- tural	7 646	6 404	-16,244
Couro	84 898	75 647	-10,897
Couro bovino curtido ao cromo de flor integral, com acabamento com anilina ou pigmento	36 762	34 904	-5,054
Couro bovino curtido ao cromo de flor lixada e aca- bamento com pigmento	20 752	17 250	-16,875
Couro/pele bovino curtido ao cromo, sem pigmento, com acabamento com anilina de flor integral	20 285	16 005	-21,099
Couro bovino curtido ao cromo úmido de flor integral ou meio	7 099	7 488	5,480
Soja	357 030	229 466	-35,729
Farinha da extração do óleo de soja	265 943	176 279	-33,715
Óleo de soja em bruto	91 087	53 187	-41,609
Celulose	71 559	18 271	-74,467
Pasta química de madeira ao sulfato, branqueada, de não coníferas	71 559	18 271	-74,467
Petroquímica	141 498	92 393	-34,704
Polietileno sem carga, de densidade inferior a 0,94	48 099	35 637	-25,909
Polietileno sem carga, de densidade igual ou supe- rior a 0,94	37 546	10 958	-70,814
Benzeno	27 507	14 383	-47,711
Polipropileno sem carga, em formas primárias	20 889	24 390	16,760
Qualquer outra borracha de estireno-butadieno (SBR)	7 457	7 025	-5,793
Material de transporte	29 055	73 837	154,128
Outras partes, acessórios de veículos, posição 8 701 a 8 705	17 625	24 876	41,140
Carroçarias, inclusive cabinas para ônibus e mi- croônibus	11 430	48 961	328,355
Máquinas agrícolas	18 590	26 823	44,287
Colhedeiiras combinadas	10 843	16 277	50,115
Tratores agrícolas de quatro rodas	7 747	10 546	36,130

(continua)

Tabela 3: Exportações efetivas, por grupos de produtos selecionados da indústria do Rio Grande do Sul, no período acumulado de janeiro a setembro — 1991/92

b) peso líquido

DISCRIMINAÇÃO	1991 (1 000kg)	1992 (1 000kg)	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
Calçados	37 926	38 851	2,439
Outros sapatos, parte superior de couro natural para mulheres e meninas	24 987	24 012	-3,902
Outras sandálias e chinelos	5 635	7 510	33,274
Outros calçados cobrindo o tornozelo para mulheres e meninas	4 171	5 257	26,037
Sapatos com sola exterior de couro natural para mulheres e meninas	1 470	1 498	1,905
Partes superiores de calçados de couro natural ou reconstituído	609	349	-42,693
Outros sapatos, partes superiores de couro natural para homens e meninos	751	711	-5,326
Sandálias e chinelos com sola exterior de couro natural	303	225	-25,743
Couro	8 592	8 345	-2,875
Couro bovino curtido ao cromo de flor integral, com acabamento com anilina ou pigmento	2 726	2 549	-6,493
Couro bovino curtido ao cromo de flor lixada e acabamento com pigmento	1 362	1 125	-17,401
Couro/pele bovino curtido ao cromo, sem pigmento, com acabamento com anilina de flor integral	1 641	1 173	-28,519
Couro bovino curtido ao cromo úmido de flor integral ou meio	2 863	3 498	22,180
Soja	1 712 784	1 091 954	-36,247
Farinha da extração do óleo de soja	1 491 096	958 884	-35,693
Óleo de soja em bruto	221 688	133 070	-39,974
Celulose	162 863	41 841	-74,310
Pasta química de madeira ao sulfato, branqueada, de não coníferas	162 863	41 841	-74,309
Petroquímica	218 522	178 103	-18,497
Poliétileno sem carga, de densidade inferior a 0,94	54 588	55 131	0,995
Poliétileno sem carga, de densidade igual ou superior a 0,94	43 039	16 007	-62,808
Benzeno	84 813	46 295	-45,415
Polipropileno sem carga, em formas primárias	27 206	49 927	83,515
Qualquer outra borracha de estireno-butadieno (SBR)	8 876	10 743	21,034
Material de transporte	4 213	10 460	148,279
Outras partes, acessórios de veículos, posição 8 701 a 8 705	2 818	3 714	31,796
Carroçarias, inclusive cabinas para ônibus e microônibus	1 395	6 746	383,584
Máquinas agrícolas	4 613	6 262	35,747
Colhedeiças combinadas	2 349	3 422	45,679
Tratores agrícolas de quatro rodas	2 264	2 840	25,442

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco do Brasil. DECEX.

NOTA: Estão apresentados somente os principais produtos por grupo.